
A etnografia como recurso para relativizar conceitos e categorias identitárias: uma análise do trabalho de Cláudia Fonseca e a influência de Malinowski em sua prática etnográfica – Vilas Cachorro Sentado e São João

Daygles Maria Ferreira de Souza⁶²

Resumo

Este artigo é resultado de um estudo bibliográfico e procura demonstrar a importância da prática etnográfica, enquanto recurso que possibilita a relativização de conceitos e categorias identitárias, por meio da análise sobre a pesquisa etnográfica de Cláudia Fonseca, realizada nas Vilas Cachorro Sentado e São João, demonstrando a sua relação com os princípios do método etnográfico de Malinowski. Neste sentido o foco da abordagem na Vila Cachorro Sentado é a “questão da honra e as categorias em suas dimensões individual e social”, e na Vila São João é “o humor ácido e as relações de gênero”. Em ambas as abordagens, apresentam-se algumas passagens da prática etnográfica de Cláudia Fonseca que demonstram claramente a influência da etnografia de Malinowski.

Palavras-chave: etnografia, identidades, categorias identitárias, honra, gênero.

The ethnography as a resource to relativize identity concepts and categories: an analysis of Cláudia Fonseca's work and Malinowski's influence on her ethnographic practice - Villages Cachorro Sentado and São João

Abstract

This article is result of bibliographic study and seeks to demonstrate the importance of ethnographic

⁶² Doutoranda em Ciências Sociais pela UNISINOS, Mestra em Educação e Ciências do Ensino Superior pela Universidade Camilo Cienfuegos – Cuba, com título reconhecido e convalidado pela UFRGS e Graduada em História pela UFRR.

practice as a resource that allows the relativization of concepts and categories of identity through analysis of the ethnographic research of Claudia Fonseca held in the Villages Cachorro Sentado and São João, showing their relation to the principles of Malinowski's ethnographic method. In this sense, the focus of the approach in the Village Cachorro Sentado is the "issue of honor and categories in their individual and social dimensions", and in Village São João is "sour mood and gender relations." In both approaches, are shown some passages of the ethnographic practice of Claudia Fonseca which clearly demonstrate the influence of Malinowski's ethnography.

Keywords: ethnography, identities, identity categories, honor, gender.

1 Introdução

Ao ler o livro *Família, Fofoca e Honra*, é impressionante como conseguimos nos transportar para outro mundo através da construção da imagem mental dos lugares, dos ambientes e dos espaços por onde a pesquisadora andou para desenvolver a pesquisa. A riqueza de detalhes de sua narrativa e a densa descrição nos permite imergir na rotina dos moradores, participando de seus dramas, suas tramas e malandragens de seu cotidiano na luta pela sobrevivência. É possível vivenciar e sentir as emoções das situações, pormenorizadamente narradas pela autora, como se delas estivéssemos fazendo parte, ou como espectador presente nas ações.

Escritos a partir dos registros constantes no diário de campo de uma extensa pesquisa etnográfica, os seis capítulos que compõe *Família, Fofoca e Honra* analisam as famílias e suas relações cotidianas; as fofocas enquanto instrumento de proteção, manipulação e ataque; a situação de classe e as particularidades que geram diferenças intraclasse; o poder e sua ligação com a violência, a honra e o humor, tudo isso ao descortinar seus códigos, suas formas e seus simbolismos espalhados nas dinâmicas de gênero e de classe social. (CARVALHO, 2002, p.251).

A riqueza da pesquisa etnográfica de Fonseca, as narrativas envolventes de cada capítulo, o encantamento com o resultado do trabalho da autora, contribuiu de maneira decisiva para que a ideia inicial de eleger apenas um capítulo para a realização deste trabalho fosse descartada. Assim, além da leitura exaustiva da obra, o capítulo – 1 Fofoca e Violência e o capítulo 5 – Humor Honra e Relações de Gênero foram eleitos para a realização do trabalho pelo entendimento de que no primeiro é contemplada a comunidade da Vila Cachorro Sentado e no outro a Vila São João, não deixando de fora nenhuma das duas realidades.

A influência de Malinowski na prática etnográfica de Fonseca faz-se presente no decorrer de toda a pesquisa. Por isso, neste trabalho, não podíamos deixar de contextualizar o olhar etnográfico de Malinowski com destaque para a sistematização do método da pesquisa de campo. Para este fim, foi fundamental a análise dos escritos de Malinowski na Introdução de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*.

Objetivando demonstrar a importância da prática etnográfica enquanto recurso que possibilita a relativização de conceitos e categorias identitárias, optamos por focar, na Vila Cachorro Sentado, a questão da honra e as categorias em suas dimensões individual e social, e na Vila São João, o humor ácido e as relações de gênero. Em ambas as abordagens, tratamos de apresentar algumas passagens da prática etnográfica de Fonseca que demonstram claramente sua relação com os princípios do método

2 O olhar etnográfico de malinowski

2.1 As pedras basilares de Malinowski para o trabalho de campo

Para Malinowski, (1997, p. 21) na Introdução de Os Argonautas do Pacífico Ocidental, o sucesso de uma pesquisa está na utilização, sistemática e paciente, de regras do bom senso e de princípios científicos bem definidos. Aponta três itens como princípios fundamentais que compõem o método de pesquisa da antropologia moderna: o pesquisador deve “conhecer as normas e critérios da etnografia, providenciar boas condições para o seu trabalho, recorrer a um certo número de métodos especiais de recolha, manipulando e registrando as suas provas”. Estes princípios são, para ele, as pedras basilares do trabalho de campo, que aprofundaremos nas próximas linhas.

Para fazer uma boa etnografia, o pesquisador precisa conhecer bem a teoria científica, estar a par de suas últimas descobertas e inspirar-se no conhecimento dos resultados mais recentes da pesquisa científica, nos seus princípios e objetivos. (MALINOWSKI, 1997, p. 23).

Destarte, quando se parte para uma pesquisa, deve-se ter a capacidade de levantar o maior número de problemas possíveis e de mudar seus pontos de vista. Estes problemas são revelados ao pesquisador, num primeiro momento, por meio dos estudos teóricos. Portanto, segundo Malinowski (1997, p. 23),

[...] Estar treinado e atualizado teoricamente não significa estar carregado de «ideias preconcebidas». As ideias preconcebidas são prejudiciais em qualquer trabalho científico, mas a prefiguração de problemas é o dom principal do investigador científico, e estes problemas são revelados ao observador, antes de mais, pelos estudos teóricos.

2.2. Detalhamento dos princípios

Para compreender melhor os objetivos de Malinowski (1997), é preciso uma observação mais apurada sobre os diferentes caminhos propostos por ele para a pesquisa etnográfica.

O primeiro refere-se à busca pela organização da tribo e pela anatomia de sua cultura que devem ser delineadas através do método da documentação concreta e estatística, já que o objetivo fundamental da pesquisa de campo é delinear o esquema básico da vida tribal. Por isso, torna-se importante observar todos os aspectos da cultura nativa e anotar o maior número possível de manifestações concretas do que é observado em um diário de campo.

Na pesquisa de campo, o etnógrafo tem o dever e a responsabilidade de estabelecer todas as **leis e regularidades que regem a vida tribal, apresentar a anatomia da cultura e descrever a constituição social**. Para isso, através de um **esquema básico** que organize as ideias, deve-se fazer um levantamento

geral de todos os fenômenos e, ao mesmo tempo, analisar minuciosamente a cultura na totalidade e na amplitude de seus aspectos, pois a fragmentação não contribui para a construção de um todo coerente. “O etnógrafo que se predisponha a estudar apenas a religião ou a tecnologia, ou a organização social está a isolar artificialmente um campo de pesquisa, o que prejudicará seriamente o seu trabalho.” (MALINOWSKI, 1997, p. 25).

Existem fenômenos, códigos e leis que, apesar de estabelecidos e enraizados, não estão escritos convencionalmente em lugar algum mas estão inscritos “[...] no mais escorregadio de todos os materiais: o ser humano. E nem mesmo na mente ou memória humana estas leis se encontram definitivamente formuladas” (MALINOWSKI, 1997, p. 25).

Nestes casos, o recurso para o etnógrafo consiste na coleta de testemunhos e dados concretos sobre todos os fatos observados e por meio destes, formular as inferências gerais. Deste material, que deve cobrir o maior número possível de fatos, a inferência é obtida por simples indução.

Malinowski (1997, p. 25) propõe a utilização de um “esquema mental” para elaboração das conclusões por indução e ressalta que: o tratamento científico difere do senso comum, primeiro, pelo fato de que o pesquisador se empenha em continuar sua pesquisa de forma ética, sistemática e metódica, até que ela esteja completa e contenha, assim, o maior número possível de informações detalhadas; segundo, porque, por meio do conhecimento teórico científico, o pesquisador tem a capacidade de conduzir a pesquisa empírica através de linhas de efetiva relevância e a objetivos realmente importantes.

Em síntese, Malinowski (1997, p.31) recomenda que:

[...] cada fenômeno deve ser analisado tendo em conta toda a gama possível das suas manifestações concretas, estudando cada uma através de uma investigação exaustiva de exemplos detalhados. Se possível, os resultados devem ser dispostos em tabela numa espécie de carta sinóptica, visando a sua utilização simultânea como instrumento de estudo e como documento etnológico. Com a ajuda destes documentos e da análise dos dados reais é possível perspectivar com clareza o contexto da cultura nativa, no sentido mais lato do termo, bem como a sua constituição social. Este método pode ser designado como *o método da documentação estatística através de provas concretas*.

O segundo caminho completa o primeiro ao tratar dos **imponderáveis da vida real**, referindo-se aos fenômenos cotidianos que devem ser observados por meio do acompanhamento contínuo da tribo. Assim, os diversos tipos de comportamentos podem ser coletados através de observações detalhadas e minuciosas, possibilitadas apenas pelo contato íntimo com a vida nativa. Para isto, o pesquisador deve providenciar boas condições para o seu trabalho. Conforme Malinowski (1997, p. 21), isto implica em estabelecer uma base que seja suficientemente afastada para que não se torne um local onde se vive permanentemente e de onde se sai a horas fixas com o objetivo de ir «trabalhar na aldeia». É de suma importância, para a pesquisa, o afastamento da companhia dos homens brancos e o contato estreito com nativos, o que só seria possível, no entendimento do autor, acampando-se nas próprias povoações.

Assim, seria importante morar entre os nativos para familiarizar-se com os costumes e crenças e fazer parte da rotina de maneira que a presença do pesquisador deixe de ser “novidade” e passe a ser natural, compondo o universo local sem despertar interesses ou receios. Além disso, é preciso por parte do pesquisador aprender a comportar-se e adquirir a ‘sensibilidade’ para discernir o que se considera, na comunidade estudada, boas e más maneiras. O autor afirma, ainda, que é importante que a base esteja em distância ideal que impossibilite o acesso rápido e a qualquer momento dos nativos e a consequente distração. (MALINOWSKI, 1997, p. 23).

O estabelecimento de uma boa base facilitará os estudos dos **imponderáveis da vida real** que além de serem extremamente importantes na pesquisa etnográfica, não podem de maneira alguma ser trabalhados apenas com o auxílio de questionários ou análise de documentos. Precisam e devem ser observados *in loco*, em pleno funcionamento e não devem ser negligenciados pelo pesquisador durante o trabalho etnográfico. Estão inclusos, na classe dos fenômenos **imponderáveis da vida real**, todos os aspectos relativos à rotina do trabalho diário; os detalhes relacionados aos cuidados corporais; o modo como prepara a comida e come; as simpatias ou aversões; “o modo sutil mas inequívoco como as vaidades e ambições pessoais têm reflexos sobre o comportamento do indivíduo e as reações emocionais de todos os que o rodeiam” (MALINOWSKI, 1997, p. 31).

O terceiro passo é denominado de *corpus inscriptionum*, e diz respeito à coleta de narrativas típicas, palavras e expressões características da mentalidade nativa que contribuem para a compreensão da sua visão de mundo. **Assim, para além do esqueleto da vida nativa e da anatomia de sua cultura**, compostos pelo corpo (descrições das manifestações concretas) e pelo sangue (comportamentos e costumes habituais - **imponderáveis da vida real**), o antropólogo deve ter a capacidade de apreender o seu espírito, ou seja, o ponto de vista nativo e sua relação com a vida. Deve procurar descobrir os modos de pensar e sentir típicos da cultura da comunidade estudada.

Segundo Malinowski (1997, p. 35),

[...] em cada ato da vida tribal existe, em primeiro lugar, a rotina prescrita pelo costume e tradição, depois o modo como é levada a cabo e, por fim, o comentário, que suscita, de acordo com a sua mentalidade. Um homem que se submete a várias obrigações costumeiras e que atua segundo a tradição, fá-lo impelido por certos motivos, acompanhado de certos sentimentos, guiado por certas ideias. Estas ideias, sentimentos e impulsos são moldados e condicionados pela cultura em que se encontra e, como tal são uma peculiaridade étnica dessa sociedade. Logo, devemos esforçar-nos por estudá-los e registrá-los.

A aplicabilidade destes princípios por Malinowski, além de inaugurar um novo estilo de pesquisa orientado por um constante diálogo entre a observação participante e descrições densas etnográficas, aboliu a chamada *antropologia de gabinete*⁶³ passando a compor os fundamentos do método de pesquisa da antropologia moderna, contemplando, assim, a principal preocupação dos antropólogos com relação ao objetivo final do trabalho etnográfico:

[...] o de compreender o ponto de vista do nativo, a sua relação com a vida, perceber a sua visão do seu mundo. Temos de estudar o Homem e devemos estudar o que mais profundamente o preocupa, ou seja, aquilo que o liga à vida”. (MALINOWSKI, 1997, p. 36).

O trabalho de Malinowski contribuiu fundamentalmente para uma guinada na forma de fazer pesquisa e fez com que fosse reconhecido entre os seus pares.

3. O olhar etnográfico de cláudia fonseca em família, fofoca

⁶³ Segundo Peirano (1995), o “antropólogo de gabinete ou de varanda” sentava-se a uma mesa, geralmente na varanda da casa de um oficial ou missionário, e convocava os nativos para lhe fornecer as informações investigadas.

e honra e a influência de malinowski.

A pesquisa etnográfica de Fonseca é fortemente influenciada pelos princípios fundantes da pesquisa de campo de Malinowski. A valorização da narrativa, o uso do diário de campo, a observação participativa, a inserção no meio, a naturalização de sua presença nos locais de pesquisa, o esforço de compreender o ponto de vista do outro, a sua relação com a vida, perceber a sua visão do seu mundo, são características do método presentes no decorrer de toda a obra.

A preocupação em fazer uma boa etnografia levou a autora a buscar pesquisas etnográficas realizadas com comunidades complexas, que, além de proporcionar uma interlocução com seus autores, pudesse trazer-lhe as inspirações necessárias às problematizações e análises. Neste sentido, Fonseca credita parte de suas inspirações a estudos desenvolvidos por autores como “Zaluar (1985), Duarte (1986), Magnani (1984), Macedo (1979 e 1986), Scott (1990) e Sarti (1996)” (FONSECA, 2004, p.07), no contexto brasileiro, além de “Colette Pétonnet e Jacques Gutwirth, e, no Collège de France, com Françoise Zonabend”. (FONSECA, 2004, p.07).

Os primeiros dois capítulos do livro retratam uma experiência da autora com moradores da Vila do Cachorro Sentado em 1981, que teve como ponto de partida a sua curiosidade com relação ao comportamento de crianças, moradoras daquela vila, que frequentavam sua casa e apresentavam um comportamento completamente diferente da concepção estereotipada da autora relativa a ‘pobre e mendigo’.

Os dois anos que passou em contato estreito, quase diário, com os moradores da Vila Cachorro Sentado, lhe possibilitou um profundo conhecimento da vida social constituída naquela comunidade e consequente compreensão dos comportamentos e costumes habituais que tanto a intrigavam.

Partindo da experiência vivenciada na Vila Cachorro Sentado, Fonseca, ao voltar da França em 1986, procurou intencionalmente uma comunidade com características econômicas um tanto diferenciadas da Vila Cachorro Sentado (menos miserável), mais antiga e heterogênea. Assim, o terceiro, quarto e quinto capítulos tratam das experiências vivenciadas na Vila São João.

O terceiro capítulo, sob o título "A vida em sanduíche", trata da dubiedade da camada popular que se equilibra numa corda bamba, entre o receio de precipitar-se no mundo do crime e a expectativa ambivalente de subir na escala social. O quarto e o quinto capítulos, intitulados, respectivamente, de “A Mulher Valente” e “Humor, Honra e Relações de Gênero”, chamam atenção para *corpus inscriptionum*, ou seja, para o “estilo do discurso oral, dos informantes”.

O sexto Capítulo, assim como o primeiro, trata da convivência diária dos moradores com a violência e do uso da força bruta como instrumento de resolução de conflitos. Na Vila Cachorro Sentado, trabalha a concepção de “paz intranquila” tendo como pano de fundo o acionamento da violência enquanto mecanismo interno para manutenção desta paz.

Apesar de não morar na Vila Cachorro Sentado ou na Vila São João, nas mais diversas passagens do livro, fica evidente o quanto Fonseca está integrada ao cotidiano e é aceita pela comunidade. Logo na introdução do quinto Capítulo, percebemos a existência do relacionamento natural entre a pesquisadora e a comunidade, através do relato de uma conversa mantida entre a autora e “um bando de moleques”. Pelo tipo de resposta dada pelos moleques a uma indagação da autora, fica claro ao leitor a existência de um dado grau de intimidade fazendo com que a garotada se sinta a vontade na presença da pesquisadora. Ao

perguntar pela primeira vez o nome de um determinado morro local, Morro da Cruz, “com grandes risadas, falaram-me que era o “Morro das Guampas”, explicando que a cruz original, de madeira torta, que dava o apelido ao local, parecia mais com cornos do que com uma cruz”. (FONSECA, 2004, p.69).

Aliás, o envolvimento da pesquisadora com os moradores da Vila Cachorro Sentado foi muito além do recomendado por Malinowski, tanto que chegou a lhe trazer implicações de natureza pessoal. Inclusive os vizinhos se mostravam muito pouco tolerantes à presença de crianças da vila que, junto com seus pais, irmãos e bichos de estimação, eram frequentadores comuns da casa da pesquisadora e presença constante nas redondezas. A narrativa da interrupção de um jantar realizado na casa da pesquisadora para colegas de faculdade ilustra perfeitamente a situação de envolvimento da pesquisadora com os moradores da Vila. O jantar foi interrompido por uma das moradoras da Vila (Dina) que, na ocasião, solicitava ajuda para pagar o *habeas corpus* do marido. O comentário da autora em seguida revela o grau de envolvimento que ela se permitiu no decorrer desta pesquisa etnográfica:

[...] ou no jantar em minha casa, com alguns colegas da faculdade, interrompido por Dina, vindo pedir ajuda para pagar o *habeas corpus* do marido. (Afinal, o dinheiro colecionado por meus convidados foi gasto com um advogado mais avarento do que eficaz, e o marido de Dina, preso por assalto à mão armada, permaneceu na cadeia.). (FONSECA, 2004, p.06).

Ao contrário de Malinowski, Fonseca não consegue “efetivar” a necessária ruptura entre experiência de campo e fase de análise, simplesmente voltando para a ‘civilização’, já que permitiu a justaposição dos dois mundo – o dela (com toda sua família, vizinhos) e o mundo das comunidades estudadas (moradores da Vila Cachorro Sentado e São João, fazendo parte da rotina da autora). Assim, na tentativa bem sucedida de contornar a situação, a pesquisadora se vê forçada a inverter a ordem das coisas, tendo que se afastar da própria casa para “escapar dos nativos”, respirar e refletir.

4 A etnografia de cláudia fonseca: relativizando conceitos e categorias identitárias.

4.1 Vila Cachorro Sentado

4.1.1 Caracterização da Vila Cachorro Sentado

A Vila Cachorro Sentado é um reduto social economicamente discriminado pelos grupos dominantes que surgiu em 1974 como resultado de uma invasão de um terreno baldio em zona de classe média, no Bairro São Pedro, situado em um terreno a quatro quilômetros do centro de Porto Alegre. Eram, aproximadamente, 750 moradores que na época habitavam casas de madeira e telhas Brasilit. Havia alguns migrantes da zona rural, mas a maioria da população era composta por pessoas da área urbana - homens adultos, analfabetos, mestiços de origem italiana, açoriana, alemã, polonesa, mas principalmente

afro-brasileira. Menos de 20% da população era alfabetizada e poucas crianças frequentavam a escola. A proporção de não-brancos atingia 60% contra 5% a 10% nos bairros circundantes.

Ganhavam a vida como papeleiros, guardas-noturnos, biscateiros e operários intermitentes da construção civil. As mulheres, quando trabalhavam, faziam faxinas, mas comumente praticavam a mendicância, e os jovens completavam suas rendas com roubos e mendicância. Ao caracterizar a vida social, Fonseca ressalta a existência do interconhecimento e da interdependência funcional entre os habitantes da comunidade como consequência natural da vida social e do cotidiano daquela comunidade. O primeiro caso decorre da distribuição espacial do ambiente, (a existência de uma única entrada para a vila faz com que as pessoas obrigatoriamente se vejam com frequência), que, associada à intensa vida social nas ruas (consequência da ociosidade existente devido a falta de compromisso cotidiano), provoca um vai e vem constante fazendo com que as pessoas se vejam com certa frequência, anulando, assim, o anonimato característico de grandes cidades em nome do surgimento de uma consequente intimidade social. O segundo caso é peculiar às sociedades de economia urbana de subsistência (OLIVEIRA, 1972. In: FONSECA, 2004, p.14), onde as pessoas necessitam umas das outras para garantir a satisfação de necessidades básicas para a sobrevivência. Por vezes, é em razão destas relações de ajuda mútua que se estabelecem as amizades profícuas ou as intrigas, que tendem a ser resolvidas por meio ou de uma outra característica social da Vila Cachorro Sentado: a hierarquia de poder.

Feita a devida caracterização da Vila Cachorro Sentado, Fonseca passa a tratar da concepção de *honra na dimensão individual*, destacando o sentimento, o orgulho e o empenho individual para engrandecer a própria imagem dentro das normas convencionalmente estabelecidas na comunidade. Na sequência, aborda a *honra na dimensão do social*, sublinhando a Honra enquanto código socialmente estabelecido, onde, por meio da interação, o prestígio pessoal é negociado como um bem simbólico. As categorias jovens, homens e mulheres foram eleitas para realizar a captura das lógicas simbólicas pertinentes àquela comunidade.

A utilização do termo *honra*, pela autora, é feita a partir de uma série de ressalvas. Destaca, antes, que as primeiras teorias sobre a honra foram fortemente influenciadas por etnografias de grupos da região mediterrânea e que, naquele contexto, a honra de um indivíduo é um componente herdado. Enfatiza que esta concepção não se aplica sob nenhuma forma no contexto das comunidades estudadas, em especial na Vila Cachorro Sentado e São João.

A proposta de trabalho da autora é “Demonstrar de que modo, em uma favela, a honra figura como elemento simbólico chave que, ao mesmo tempo, regula o comportamento e define a identidade dos membros do grupo”. (FONSECA, 2004, p.09).

4.1.2 A dimensão individual da honra

Fonseca chama atenção para a compreensão do que se entende por código de honra e prestígio pessoal, para somente depois adentrar na análise da honra na dimensão individual a partir das categorias sociais eleitas (jovens solteiros, homens casados e mulheres). Assim, sobre os componentes do prestígio masculino, afirma:

Enquanto o código de honra é um regulador de interação necessariamente partilhado pelos membros do grupo, sejam quais forem seus respectivos papéis, os critérios de prestígio pessoal variam conforme a idade, o sexo, o status econômico e civil de cada pessoa. (FONSECA, 2004, p.15).

O estudo etnográfico possibilitou descobrir que os jovens da Vila Cachorro Sentado procuram projetar sua imagem pública de prestígio com base em elementos que, na visão deles, efetivamente possuam valor. Entre estes jovens solteiros, a honra figura como sinônimo de bravura, virilidade e generosidade. A bravura, neste contexto, possui o sentido unívoco de coragem e se apresenta nas narrativas aliada a valores como solidariedade e lealdade. Fonseca cita como exemplo, em nota de rodapé, a narrativa de um rapaz que ilustra perfeitamente a concepção de coragem:

Um bom exemplo do valor atribuído a essa solidariedade aparece no discurso de um rapaz que conta como, durante um passeio de carroça, vendo seu companheiro detido pela polícia por insubordinação, ele insistiu para ser preso junto. Gabando-se mais tarde, diz: "A polícia não sabia que fazer de mim, mas finalmente decidiram: "Já que ele quer, vamos bater nele também". (FONSECA, 2004, p16).

A bravura importa em ter coragem para "[...] matar um adversário à sua altura, [...] os camaradas em perigo, [...] resistir às torturas da polícia em busca de nomes de cúmplices é uma solidariedade masculina que lembra a dos militares" (FONSECA, 2004, p.15). Ser viril implica na capacidade de efetuar conquistas sexuais independente do estabelecimento de laços de afetividade ou intencionalidade de qualquer tipo de compromisso. E a generosidade, bastante apreciada entre os moradores da comunidade, contribui fundamentalmente para garantir aos jovens uma boa reputação e atribuir-lhes prestígio na comunidade. A generosidade, neste contexto, comporta virtudes sociais e normalmente implica na distribuição de dinheiro, na divisão de bens, no tipo de ajuda onde a questão financeira esteja presente.

Entre os homens casados, o estudo etnográfico de Fonseca revela que a projeção de sua imagem pública, de seu prestígio, está ligada a um número muito maior de símbolos e apresenta a virilidade, a bravura na proteção da família e das mulheres e a imagem de provedor do lar como os principais elementos simbólicos reguladores do comportamento e definidores da identidade desta categoria na Vila Cachorro Sentado. Deste modo, a virilidade na categoria de homens casados, diferente do entendimento na categoria de jovens solteiros, está intimamente ligada a procriação.

A bravura na proteção da mulher está intimamente e fraudulentamente atrelada ao controle de sua sexualidade. A responsabilidade por esta proteção não recai apenas sobre o marido, mas também sobre o pai e os irmãos. Entretanto, o papel do pai e do irmão assume outra dimensão quando a mulher 'casa'. Então, o controle da sexualidade passa a ser prioritariamente do marido e a proteção contra abusos de violência doméstica, por exemplo, passa a ser papel dos irmãos e do pai. Estas relações consanguíneas por vezes são bastante tensas, criando uma certa rivalidade entre os homens. A briga de um casal morador da Vila Cachorro, citada por Fonseca, realmente ilustra bem esta situação:

Meu pai tinha vindo (de sua vila) me visitar, mas eu tinha saído. Então ele ficou sabendo que Olnei (marido de Dina) estava bravo, que ele estava bebendo e que as coisas não iam bem para mim. Quis me avisar e, por isso, ficou esperando por mim lá na entrada da vila, mas eu não vinha e finalmente ele teve que ir embora. Meu irmão que morava conosco na época saiu da casa. Ele sabia que eu ia apanhar do meu marido e se ele ficasse, teria que me proteger. Dou graças a Deus que ele foi embora. Senão um ou outro estaria morto. (FONSECA, 2004, p.17).

É importante ressaltar que Fonseca, *a priori*, chama atenção para a compreensão do que é “casamento” na perspectiva daquela comunidade e do papel da mulher dentro desta relação, em especial do dever de fidelidade e da aceitabilidade, por parte da comunidade e dos parentes consanguíneos, das severas sanções impostas nos casos de transgressão. Esta situação é ilustrada por Fonseca com algumas narrativas extremamente ricas retiradas de seu diário de campo, como, por exemplo, o caso de Rejane:

O marido de Rejane, se declarando cansado dela, decide acabar com a relação e dá uma semana para que ela arranje outra moradia. No entanto, quando na segunda noite ela não volta para dormir em casa, seu marido fica furioso. Quando ela volta no dia seguinte, alegando que passou a noite na casa de sua irmã, a moça é recebida com golpes do marido e insultos do sogro. A irmã do marido, apesar de proteger Rejane contra os golpes, dá sua opinião: “Bem que ela merece”. (FONSECA, 2004, p.16).

Por fim, o sustento material do lar, enquanto 'obrigação masculina', me parece, na análise de Fonseca, ser um dos principais elementos de Honra para o homem daquela comunidade, a ponto de não importar que mecanismos utilizem para prover o lar, se lícitos ou ilícitos, contanto que não deixem de fazê-lo. A mulher que trabalha fora está passando a mensagem de que o marido não consegue mantê-la, está humilhando-o publicamente. O não cumprimento desta obrigação masculina, na perspectiva desta comunidade, segundo Fonseca, é considerado pelos homens uma derrota:

Viver com essa derrota solapa um dos fundamentos da identidade social do homem: o de ser provedor de casa. O fato de que muitos enfrentam o mesmo dilema ajuda a criar uma certa solidariedade, quando os maridos tentam esquecer suas obrigações familiares e juntos bebem o dinheiro destinado às compras/ provisões. O desprezo de si mesmo (por não cumprir com o dever familiar) é redirecionado para a fonte da humilhação (mulher e crianças) e parcialmente contrabalançado pelo prestígio que a generosidade entre amigos traz. (FONSECA, 2004, p18).

Os estudos de Fonseca revelam que não há uma noção específica quanto à honra ligada à moça solteira, entretanto, no que se refere a mulher casada, aponta como principais pontos de projeção da imagem pública a execução de atividades domésticas e a maternidade.

A importância da maternidade na perspectiva das mulheres da Vila Cachorro Sentado está intimamente ligada à capacidade de gerar, de poder ‘dar um filho ao companheiro’, independentemente da quantidade de filhos que já tenham, das condições de criá-los ou da manutenção dos filhos consigo, pois muitos destes acabam indo parar nos orfanatos ou ‘circulam por outras casas e várias’. Entretanto, estando consigo, principalmente enquanto bebês, devem ser bem cuidados. A importância da execução das atividades domésticas de maneira eficiente, enquanto elemento de projeção da imagem pública é bastante valorizada na comunidade e cobrada, principalmente, entre as próprias mulheres.

4.1.3 Dimensão social da honra:

Na Dimensão Social da Honra, Fonseca chama atenção para a existência de um código de honra – código de comportamento que rege a rede de relações sociais garantindo a coesão e coerência do grupo.

Ressalta que este código é resultante do isolamento imposto pela sociedade circundante àquela comunidade e pela necessidade de ajuda mútua para a sobrevivência. O código de honra é um regulador de interação necessariamente partilhado pelos membros do grupo, sejam quais forem seus respectivos papéis.

Para entender o significado deste código de honra na dimensão social, a autora foi buscar nas anotações do seu diário de campo, prioritariamente nos discursos das mulheres, a noção de honra e o mais perto disso que encontrou foi a noção de respeito. Neste sentido, o respeito é entendido como o modo de agir de uma pessoa em relação à outra. Esta relação raramente se dava entre iguais, pois em 90% dos casos analisados acerca da concepção de respeito, um dos sujeitos citados na relação era alguém superior. Respeitar significa poupar o inferior, não tirar proveito da superioridade.

Dos relatos analisados pela autora, depreende-se a presença constante da violência como variável na definição dos termos da relação. Em várias passagens o uso da força física na resolução de conflitos se faz presente e tanto os homens como as mulheres orgulham-se de seus feitos e gostam de contar detalhadamente suas brigas.

Aceita pela comunidade e até incitada em alguns casos, a violência representa um importante instrumento na organização da vila. Entretanto, seu emprego tem limites e a transgressão destes acarreta sanções coletivas que podem ser extremamente severas. Assassínatos e o emprego da força física contra mulheres grávidas e crianças não são bem tolerados na comunidade.

Na Vila, destacam-se aqueles homens que, além de ter prestígio convencional relativo à sua condição de homem (virilidade, bravura e etc), sabem fazer-se respeitar. Estes, normalmente, possuem e sabem manusear uma arma, são fortes e empregam o uso da força sempre que julgarem necessário. São os chamados homens fortes, 'os dirigentes da Vila'. Na categoria de homens fortes, enquadram-se também os maconheiros, que fazem parte da comunidade da Vila Cachorro Sentado e da bandidagem.

A já relatada "intimidade dos habitantes da Vila e sua interdependência constante são regidas por um código de honra, onde a proteção e a homenagem são as principais moedas de troca" (FONSECA, 2004, p.22) e de neutralização da força física. Os dirigentes e os mais fracos rendem homenagens aos maconheiros na medida em que valorizam sua imagem, propiciando reconhecimento público de suas ações, e os ajudam com bens materiais. E os maconheiros rendem homenagens aos dirigentes, aceitando-os como mediadores entre a vila e as autoridades municipais ou respondendo a seus chamados para trabalhos coletivos, e aos mais fracos fornecendo-lhes proteção. Essas trocas simbólicas, regidas pelo código de honra, geram menos violência. Assim, em síntese, nas palavras de Fonseca (2004, p.27),

[...] no sistema de trocas sociais, a homenagem (ou seja, o ato ou a palavra que realçam a imagem pública de um determinado indivíduo) existe como "dom" a ser pesado e trocado contra outros dons, tais como proteção política, bens materiais, ou serviços de assistência. Quando há uma nítida diferença de status entre dois indivíduos, o mais fraco trocará sua homenagem pela proteção ou pelo apadrinhamento do outro. Essa rede de trocas marca a distinção entre os "respeitados" do grupo e aqueles que se devem defender, como podem, contra os incômodos, a violência, o roubo.

Um outro aspecto ressaltado por Fonseca, na *dimensão social da honra*, é a *fofoca*. Seria esta o contraponto feminino do termo "respeito" no mundo masculino da Vila Cachorro Sentado.

A fofoca é um instrumento poderoso de manipulação das 'verdades' e da opinião pública e que mexe com o que é de mais prezado por todo ser humano: sua reputação. A reputação define os bons e maus cidadãos, quem merece ou não a proteção na Vila Cachorro Sentado. É composta pelos atributos

pertinentes ao homem (virilidade, bravura, generosidade, etc.) e a mulher (capacidade de gerar filhos, eficiência nas tarefas domésticas etc.) e validada pelo reconhecimento público destes atributos.

A manipulação da fofoca requer uma certa habilidade por parte do fofoqueiro para não ser descoberto, já que, apesar de ser comum, a fofoca não é bem aceita. A utilização das ambiguidades inerentes à fofoca é o mecanismo mais utilizado pelo fofoqueiro que pretende proteger-se de possíveis acusações por parte do indivíduo atingido.

Ser fofoqueiro é falta grave que implica em sanções. Normalmente a fofoqueira reconhecida publicamente como tal, é excluída da rede de informações, assistência e proteção da comunidade. Portanto, a fofoca pode ser uma arma poderosa também para aquele que não sabe manipulá-la.

A fofoca é usada contra os fortes como arma de manipulação e proteção. Agora, quando usada por fracos contra os fracos, ela é tida como um instrumento de ataque.

As situações de desigualdade, de toda ordem, entre os quase iguais, propiciam uma maior abertura para manipulação da fofoca. Nestes casos, ela pode se apresentar como um instrumento de força niveladora, um instrumento “[...] dos que se sentem inferiores e que só podem realçar seu status rebaixando o dos outros. Não visam elevar-se acima de outrem. A fofoca é a arma das pessoas que têm medo de ser inferiores, não das que querem ser superiores.” (FONSECA, 2004, p.27).

Neste jogo de honra entre os quase iguais, onde as pessoas invariavelmente avaliam sua posição/status em relação do outro, parte-se do princípio de que é impossível duas pessoas encontrarem-se no mesmo nível: a honra representa um sistema absoluto. Então, rebaixar o status de um faz com que o outro ascenda. Assim, neste jogo, os homens se confrontam frequentemente uns com os outros seus atos de coragem, bravura, virilidade e etc, enquanto as mulheres se afrontam usando o expediente da fofoca. Em ambas situações (homens e mulheres), existe um código de comportamento regendo as agressões mútuas, que não é utilizado com estranhos e que demarca os limites do grupo.

A proposta de Fonseca, ao realizar esta pesquisa etnográfica na Vila Cachorro Sentado, foi “Demonstrar de que modo, em uma favela, a honra figura como elemento simbólico chave que, ao mesmo tempo, regula o comportamento e define a identidade dos membros do grupo” (2004, p.09). E, de maneira bem resumida, a conclusão que ela chega como resultado de suas análises é que:

[...] na Vila do Cachorro Sentado, as pessoas estabeleceram — por tênue e temporário que seja — um código moral e de interação social que dota a vida de um sentido. Face à degradação que lhes é infligida no sistema “dominante” de valores, eles erigiram normas que, em princípio, cada um tem a possibilidade de seguir. Desqualificando ou eliminando os não-conformistas, o código seleciona indivíduos solidários. Feito de estratégias, mais do que de regras (Bourdieu, 1972), trata-se de um sistema em constante mutação, frágil, que, com cada novo acontecimento, exige reajustes. (FONSECA, 2004, p.28-29).

Para finalizar, destaca-se uma situação que leva a profundas reflexões em relação à prática da pesquisadora e que entendo ser importante trazer à baila.

Sendo Fonseca praticante experiente da etnografia, influenciada pelos princípios da pesquisa de campo de Malinowski e inserida no contexto da pesquisa, chama a atenção sua nota de rodapé 21 e faz refletir sobre o quanto deve-se estar atento ao que rodeia os pesquisadores e o quanto é difícil se despir de conceitos e pré-conceitos. Não é por acaso que Malinowski insiste na necessidade da inserção do pesquisador no ambiente de pesquisa de maneira concreta, afim de que os nativos sintam-se tão à vontade na sua presença que deixem de perceber o pesquisador como elemento externo, estranho ao meio, e vejam-no com naturalidade:

Mulher, pesquisadora de classe média que sou, minha própria atitude em relação à violência foi um obstáculo considerável em meus esforços para superar o etnocentrismo. Durante os primeiros oito meses da pesquisa de campo, a violência física (afora as brigas conjugais) ficou praticamente ausente das minhas observações. Depois, de repente, fiquei ciente de uma série de incidentes: um homem esfaqueou sua mulher, um comerciante cegou seu vizinho com um tiro, um jovem foi espancado pela polícia, uma mulher teve que engessar o braço após uma discussão com a vizinha... É difícil saber se essa mudança deve-se aos "fatos", ao verão que chegou para atizar as emoções, ao esforço calculado por parte dos "objetos de estudo" que, até então, escondiam este aspecto da sua vida ou à cegueira da pesquisadora [...] (FONSECA, 2004, p.20-21).

4.2 Vila São João

4.2.1 Caracterização da Vila São João

A Vila São João, conhecida popularmente como Morro da Cruz, surgiu na década de 50 como resultado da política de remoção das favelas do Centro da cidade de Porto Alegre. Assim, em terrenos loteados pela Prefeitura de Porto Alegre, as pessoas se instalaram entre a maior favela de invasão metropolitana (moradores com extremas dificuldades), situada no Alto do Morro, e as ruas principais onde ficavam "as casas pacatas". Assim, a análise da Vila São João aponta para a vida em sanduíche entre os que tem pouco e os que nada tem.

4.2.2 O humor – porta de entrada

Uma das características marcantes dos moradores da Vila São João é o Humor. Tudo é motivo de brincadeira, principalmente as relações entre homem e mulher e, mais especificamente, os supostos maridos traídos, alvos prediletos das piadas: "Ah, Leco não te cumprimentou hoje? É que as guampas tão tapando a vista dele!" (FONSECA, 2004, p.69).

Brincadeiras que mexem com a virilidade, com a honra masculina, são uma prática comum inclusive entre os homens que, sem fazer acusações específicas, participam da brincadeira, referindo-se à figura do "Ricardão" (termo utilizado para nominar um homem que se relacione sexualmente com uma mulher comprometida): "Tem muito cavaleiro que pula a cerca das vizinhas enquanto os maridos estão no serviço. Hoje em dia, as guampas vêm com dobradiças de tanto abaixa e levanta" (FONSECA, 2004, p. 69). Além das piadas impessoais em tomo de sujeitos gerais, existem fofocas, de estilo irreverente, sobre pessoas particulares. E, enfim, há 'acusações', quando uma pessoa se refere ao comportamento sexual para gozar seu interlocutor.

O cotidiano é recheado de observações irônicas sobre casos particulares. São incontáveis as fofocas pomenorizadas, maldizentes ou bendizentes, conforme o caso, sobre os outros e que fazem a festa no pedaço. Essa arma feminina, mas não exclusivamente, "abriga a manipulação da opinião pública" (FONSECA, 2004, p.46) e ganha espaço espalhando boatos [...] para Deus e todo mundo (p.48), mostrando

O estranhamento, diante da prática corriqueira e banal para os moradores da Vila São João, do humor ácido presente nas brincadeiras envolvendo o comportamento sexual levou Fonseca (2004, p. 69) a “repensar certos estereótipos sobre relações de gênero em grupos de baixa renda — estereótipos que aparecem tanto em certos trabalhos da literatura antropológica quanto no senso comum” e criou espaço suficiente para suscitar questionamentos e construir o objeto de análise: “o que essa forma de humor diz da relação homem mulher?”

O humor na Vila São João, como o bom humor em qualquer outra sociedade, se utiliza de ambiguidades e mexe com tabus das maneiras mais diversas possíveis. Para ser compreendido, o humor deve ser analisado a partir do contexto de práticas e valores pertinentes à comunidade. Por isso, para investigar o humor, é preciso investigar primeiro o lugar do humor no *ethos* em questão. O estilo jocoso do humor da Vila São João não é simplesmente um acessório a um conteúdo independente. É prioritariamente um componente intrínseco ao próprio valor e um elemento indispensável para a compreensão de especificidades pertinentes àquela comunidade.

Assim, o trabalho etnográfico realizado por Fonseca na Vila São João e descrito no capítulo V denominado “Humor, Honra e Relações de Gênero” teve no humor a porta de entrada e na observação de práticas e discursos espontâneos da vida do cotidiano, o fio condutor das análises que possibilitou a construção da lógica das relações de gênero daquela comunidade. Entretanto, “definir esta lógica [...] não é tarefa fácil. [...] Os diálogos que surgem espontaneamente [...] mostram-se [...] desafiadores, pois, por causa do tom eternamente irônico, sua relação com a realidade é assumidamente ambígua” (FONSECA, 2004, p.72).

Nesse tipo de discurso, a encenação — o tom da voz, uma sobrelanceira erguida — é tudo. O sentido literal das palavras se perde atrás das múltiplas interpretações da intenção do sujeito. Uma mesma expressão (“Que vergonha!”, por exemplo) pode ser indício de condenação ou de admiração. O homem que, antes de contar uma piada “bagaceira”, pergunta a uma mulher da plateia: “Desculpe. Tu és mulher ou moça?” pode estar dando um sinal de respeito ou, pelo contrário, estar fazendo uma advertência para que todo mundo preste bem atenção ao que virá a seguir. (FONSECA, 2004, p.72).

A corporalidade das informações se manifesta das mais diferentes formas. As falas possuem efeitos sonoros e a linguagem corporal se apresenta de maneira incisiva nas narrativas. O relato de uma moradora viúva, descrevendo o infarto que levou seu marido a óbito, começa por contar detalhadamente tudo que ele comeu durante o dia que ocorreu o sinistro. A linguagem corporal acompanha toda a narrativa através de gestos, caretas e da alternância constante do tom de voz que valoriza elementos da fala que a narradora considera importante ressaltar. Para descrever as situações mais corriqueiras o narrador incorpora o ator “[...] como se achasse as palavras sozinhas sem graça, como se fosse necessário completá-las com outra linguagem”:

“Tenho um problema cardíaco” me anuncia a matrona (50 anos) na primeira vez que a encontro. E, então, abrindo o botão mais alto de sua blusa, ela guia minha mão ao lugar adequado para provar a seriedade de seu caso, “Sente aqui para tu ver”. Nas anedotas e narrativas, os diálogos são citados palavra por palavra, raramente na forma do discurso indireto. Em vez de dizer “Ele não queria vir”, dizem “Aí ele falou, Eu não vou! De jeito nenhum!”. É uma cultura oral, de uma oralidade incorporada, fruto da encenação teatral que tira as palavras de sua casca racionalista, a linguagem do corpo impondo se a

O pesquisador precisa estar muito atento pois o sentido literal das palavras se perde através das múltiplas interpretações e da intencionalidade do sujeito. Por isso, para compreender as 'falas', decifrar o material coletado sem incorrer em interpretações equivocadas, é importante ao pesquisador remeter-se às práticas repetidas das pessoas. Isto significa dizer que para entender as piadas sobre o adultério, por exemplo, faz-se necessário levar em consideração como se convive com esta questão na comunidade estudada.

4.2.3 Honra e relações de gênero

Nas conversas cotidianas da Vila São João, as alusões à relação entre homem e mulher refletem a noção de reciprocidade - trocas simbólicas em que o sexo e sustento material são as principais moedas. São comuns as brincadeiras envolvendo as façanhas sexuais dos homens casados ou solteiros porque existe um entendimento tácito de que na relação estabelecida com a mulher, o que a ele naturalmente interessa é o sexo. Com as mulheres, o tipo de brincadeira e gozação se reporta a necessidade de 'se arrumar na vida'. Da análise das conversas espontâneas – gozações e fofocas – depreende-se que essa noção de reciprocidade, longe de promover um clima de acordo entre os cônjuges, cria suspeitas e desconfianças.

Fonseca apresenta várias histórias retiradas de seu diário de campo sobre homens que, de uma forma ou de outra, conseguem os préstimos sexuais de uma mulher sem dar nada em troca. Entretanto, o cúmulo da malandragem masculina aparece nas fofocas relativas a sedução de mulheres virgens, já que a virgindade é bastante valorizada na comunidade, sendo considerada moeda de troca mais valiosa que uma moça possui para garantir um bom marido. Para a autora:

Essas fofocas não têm a pretensão de descrever as coisas como deveriam ser, mas sim como são: é "óbvio" que o homem tenta "se safar", isto é, tenta ter sexo sem ter que casar. Existe, porém, o outro lado da moeda, pois as mulheres nem sempre correspondem à imagem de vítima passiva. Pelo contrário, em muitos casos, parecem tão "interesseiras" quanto os homens (FONSECA, 2004, p.73).

No rompimento do pacto de reciprocidade, o homem leva uma desvantagem muito maior que a mulher. As dificuldades que uma mulher passa a enfrentar após o abandono, especialmente se engravidou ou tem filhos, são perfeitamente contornáveis na medida em que podem voltar a casa dos pais ou, melhor ainda, arrumar um novo casamento. Entretanto, o abandono do homem pela mulher, impinge ao homem uma sanção social impossível de ser atenuada e que sofrerá pelo resto de sua vida: estigma. Um homem, na Vila São João, é considerado corno até pelos casos da ex-mulher. Não é a toa que diz-se não existir ex-corno.

Equivalente ao pensamento de que toda mulher quer 'se arrumar' na vida é a ideia de que nenhum homem da Vila serve como candidato a bom marido uma vez que a maioria é de trabalhadores sem nenhum tipo de qualificação e, conseqüentemente, com baixos salários. Assim, o fantasma dos chifres que acompanha os homens está atrelado a ideia de que se o homem não oferece a mulher um determinado nível de conforto, ela não se sente na obrigação de retribuir com a fidelidade.

Vale ressaltar que esta linha de raciocínio não implica na aceitação, por parte do homem, da libertinagem da mulher. Ao contrário, implica em um controle maior da sexualidade feminina e explica o enclausuramento e as restrições impostas à mulher ao trabalho fora de casa.

Frente à opinião pública, a mulher dificilmente sai em desvantagem com relação ao homem. Mesmo quando adúlteras, os comentários e fofocas geralmente são relacionados ao homem (um 'coitado' ou um 'palhaço') e quase nunca para desprestigiar a própria mulher ou seus consanguíneos:

Quando o homem não cumpre o dever, a mulher usa os filhos para sublinhar sua infâmia. Dirá que ele gastou todo dinheiro com outra(s) mulher(es), deixando as crianças passar fome. Ela fará longos relatos sobre seu próprio sofrimento, enobrecendo-se na imagem de mulher batalhadora que, apesar de tudo, conseguiu manter a família unida e criar seus filhos. Não há nenhuma contrapartida masculina para esse tipo de queixa pública. O homem cuja mulher rompe o pacto tem que sofrer em silêncio, pois qualquer reação dele seria assumir publicamente o status humilhante de guampudo. (FONSECA, 2004, p.80).

Fonseca finaliza o quinto capítulo dizendo que a análise de homens guampudos e mulheres malandras situa-se na fase mais recente de seus estudos e que intencionalmente preferiu priorizar os elementos do universo simbólico ligados a honra, humor e afeição, para destacar as questões de alteridade cultural e agência humana.

Conclusão

Antropóloga por formação e convicção, Fonseca (1999, p. 58 e 59) nutre uma estreita relação com o método etnográfico. Acredita ser este um método que, além de ser um instrumento importante para a compreensão intelectual de nosso mundo, também pode ter uma utilidade prática. Para ela, “a etnografia é calcada em uma ciência, por excelência, do concreto” e tem como start do método a interação entre o pesquisador e o objeto de estudo. Afirma, ainda, que este método “[...] requer do pesquisador boa dose de paciência (para registrar coisas aparentemente inúteis) e coragem para construir modelos [...] equilibrados a partir de fragmentos da vida social minada de contradições e ambivalências” (FONSECA, 2004, p.07).

A análise reflete o olhar detalhado, criterioso, da autora sobre os fatos, um olhar para além dos nexos e relações que se estabelecem, um olhar que possibilita descobrir os fenômenos embutidos em fatos aparentemente corriqueiros ou comuns, um olhar que leva em consideração a corporalidade das informações através dos gestos, expressões que por vezes falam muito mais que as palavras. Um olhar que só consegue ter aquele que observa de forma participante, que imerge no mundo do objeto de estudo sem perder de vista a intencionalidade científica. O olhar etnográfico, cuidadoso, que busca evitar equívoco do reducionismo da etnografia a um método que se fecha em técnicas e orientações centradas no individual e desprezam a análise social.

Neste sentido, Fonseca, “indo além das falas, apostando na observação das práticas sociais, (fez uma) abordagem (que) apoia-se menos na linguagem normativa dos ritos do que na lógica informal da vida cotidiana inscrita no fluxo de comportamentos” (2004, p.07), sem perder de vista os princípios científicos delineados por Malinowski.

Referências

CARVALHO, M. J. S. Resenha de "Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares" de Cláudia Fonseca. Revista Estudos Feministas, vol. 10, núm. 1, jan., 2002, p. 251-252. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38110124>>. Acesso em: 15/10/2013.

FONSECA, C. Cavalo Amarrado Também Pasta: Honra e humor em um grupo popular brasileiro. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_15/rbcs15_02.htm>. Acesso: 20 de junho de 2013.

_____. Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. Disponível em: <<http://groups.google.com.br/group/digitalsource/>> Acesso: 20 de junho de 2013.

_____. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n.10, p.58-78, jan/fev/mar/abr 1999. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde10/rbde10_06_claudia_fonseca.pdf> Acesso: em: 12/09/2013.

LAGE, G. C. Revisitando o método etnográfico: contribuições para a narrativa antropológica. Revista Espaço Acadêmico, n° 97, p. 03 - 07, junho de 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/index>>. Acesso em: 05/10/2013.

MALINOWSKI, B. Os Argonautas do Pacífico Ocidental" in: Ethnologia, n. s., n° 6-8, p. 17-38, 1997. Disponível em:< <http://pt.scribd.com/doc/33086118/MALINOWSKI-Bronislaw-Os-Argonautas-do-Pacifico-Ocidental>>. Acesso: 09/07/2013.

OLIVEIRA, F. D. A economia brasileira: crítica à razão dualista. São Paulo: Estudos Cebrap, 1972. In: FONSECA, C. Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6605658/Claudia-Fonseca-Familia-Fofoca-e-Honra>>. Acesso: 20/06/2013

PEIRANO, M. A Favor da Etnografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. Disponível em: <http://www.marizapeirano.com.br/livros/a_favor_da_etnografia.pdf>. Acesso em: 12/09/2013.

UNISINOS. Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos (Artigo De Periódico, Dissertação, Projeto, Relatório Técnico e/ou Científico, Trabalho de Conclusão de Curso, Dissertação e Tese). Edição revisada e modificada em setembro de 2013, corrigida em conformidade com o Acordo Ortográfico, com alteração na norma NBR 6027:2012. São Leopoldo, 2013. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/biblioteca/imagens/stories/downloads/manual-biblioteca-2013.pdf>>